Prefácio

O número 2, volume 5, ano de 2016, da Revista Dispositiva, está dedicado a oferecer ao leitor discussões mais atualizadas em relação aos modos de apropriação pelo campo teórico da comunicação da noção de dispositivo. São dez artigos e um ensaio por meio dos quais, os autores, em perspectivações mais distintas, dedicam-se a refletir sobre este conceito que, nos anos mais recentes, especialmente inspirados nas leituras de Deleuze (2005) e Agamben (2005) do dispositivo foucaultiano, tem referenciado a produção intelectual em nosso campo de pesquisa.

Para esta edição, convidamos quatro autores pra contribuírem com seus artigos, em função de sua visada muito específica. O Prof. Edgardo Castro, da Univesrsidade Nacional de San Martin, no artigo *¿Qué es y qué no es un dispositivo? Profanación y veridicción, d*iscute a filiação hegeliana do termo *positividade* em Foucault e a genealogía teológica dos dispositivos proposta por Agamben. Já Lorena Tárcia, em *Tramas da convergencia: hiperdispositivo e a cobertura dos Jogos Olímpicos de Verão pela BBC em 2012*, oferece-nos inovadora reflexão acerca as relações entre saber e poder que se estabelecem entre o processo de convergência de mídias e o jornalismo. A autora investigou a possibilidade de configuração de um hiperdispositivo constituído por três dispositivos complementares acoplados historicamente: esportes, jornalismo e mídia. Bruno Vasconcelos em *A individuação e a máquina: leitura deleuzeana de Simondon* dedica-se a refletir sobre trabalha algumas articulações entre objetos técnicos e cultura, entre tecnologias e máquinas, propondo, ainda, uma análise do vídeo de Chris Cunningham (1999), em parceria com a cantora Björk, intitulado *The Erotic Life of Machine*. Júlio Pinto em seu provocante *Argumentos do dispoisitivo: o phatos do logos,* propõe uma aproximação entre as noções de dispositivo (Foucault, Agamben) e o conceito de suadissigno (argumento semiótico). Discute a presentificação da experiência como corolário do predomínio da razão sensível – primeireza, em termos semióticos --, como elemento de um dispositivo do imaginário social (terceireza, portanto, dentro do domínio do *logos*) que faz do *pathos* uma sutil avenida para criação de mentalidades.

Os demais autores, também muito generosamente, submeteram seus escritos e foram aprovados para publicação compondo, assim, um qualificado e alargado debate sobre o tema

que move nesta edição. Fernando Resende e Ana Cláudia Peres, com o artigo *Nós, as testemunhas: notas de um jornalismo de teor testemunhal,* traçam uma cartografia de narrativas que se aproximam de um jornalismo de teor testemunhal. A premissa é a de que, quando valorizado nas narrativas midiáticas para além da técnica, o testemunho dá a ver um sensível da experiência e nos leva em direção a um outro, fazendo-nos indagar a respeito de uma dinâmica relacional do jornalismo. Já Ana Maria Vieira Monteiro e Nilson Assunção Alvararenga, no artigo *Máquina de ver, máquina de visão: sobre usus profatórios e subjetividades do Oculus Rift enquanto dispositivo,* partem da análise de um campo de forças que atuam nos dispositivos dos quais o Oculus é precursor. Forças essas que, conforme propomos, encontram-se na tensão entre os usos previstos e os usos potenciais, sendo que os últimos, contextualizados no horizonte de uma filosofia do dispositivo, poderiam ser pensados a partir das noções de subjetivação, com Deleuze, e de profanação, com Agamben.

Em *Museu como médium: reflexões sobre as interfaces entre comunicação e museologia,* Lucimery Ribeiro e Danila Cal colocam em diálogo os campos de conhecimento da comunicação e das ciências da informação, refletindo sobre as interfaces entre Comunicação e Museologia. Propõem a ideia do museu como *medium*, considerando-o como ambiente de comunicação. De cunho teórico, o artigo parte das ponderações de literaturas dos campos da Comunicação e da Museologia a fim de compreender melhor os modos pelos quais a comunicação nos museus vem sendo abordada e reafirmar a postura democratizante dos museus perante a sociedade. Moisés Sbardeloto, em *Os processos comunicacionais em rede e o dispositivo conexial*, dedica-se a resgatar reflexões sobre o conceito de dispositivo, para, em um segundo momento, relacioná-lo com o contexto do ambiente digital, a partir das ideias de interface, protocolo e reconexão. Mediante uma reflexão teórico-metodológica, propõe-se, a partir dessa relação, o conceito de dispositivo conexial, que busca articular os âmbitos social, tecnológico e simbólico dos processos comunicacionais em rede. Lucia Lamounier Sena, em *Tecnologias de gênero: media e mercado de drogas ilegais,* procura estabelecer um diálogo entre a perspectiva de tecnologias de gênero, proposição do campo teórico feminista, e o sistema midiático. O cruzamento desses campos visa construir um referencial teórico e metodológico para uma análise sobre os argumentos que circulam nos media relativos à participação das mulheres nos mercados de drogas ilícitas no Brasil.

E por fim, mas em nada menos importante, o também inquietante ensaio de Gabriela Santos Alves Memórias de paz, imagens de guerra: La jetée, de Chris Marker, em que a autora deburaça-se sobre o filme *La jetée*, Filme quase exclusivamente composto por imagens estáticas, *La jetée* relata as experiências de um ex-combatente, agora prisioneiro em campos subterrâneos, depois da Terceira Guerra Mundial. Nele, Chris Marker investiga a relação do homem com a imagem e o desejo ligado à memória.

Boa leitura.